

I CONACSO- Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

A construção do imaginário religioso intolerante: Violência à Mineira

Dr. Amauri Carlos Ferreira – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Dra. Julia Calvo - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Ma. Yonne de Souza Grossi - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Me. Thiago Hot P. Faria – Escola Estadual Ordem e Progresso

Resumo:

A intolerância religiosa como uma forma de violência está intimamente ligada a construção da imagem do inimigo. A definição do inimigo ordena práticas definidoras de violência e preconceitos. A intolerância religiosa mineira tem uma relação complexa em sua origem e extensão com o poder político e religioso. Nesta pesquisa ao investigarmos as ações religiosas contra os inimigos definidos pelo catolicismo como sendo os espíritas kardecistas, os umbandistas e os protestantes construiu um imaginário intolerante. O objetivo desta comunicação é apresentar parte da pesquisa sobre religião e cidade no que se refere à construção deste imaginário intolerante e as formas de violência simbólicas instauradas. O caminho escolhido foram fontes históricas, discussões teóricas sobre a construção do imaginário religioso/político e o mapeamento das religiões em Belo Horizonte -MG. Os resultados parciais desta pesquisa tem conduzido a compreensão da formação imaginária religiosa do inimigo na primeira metade do século XX e sua extensão nas variadas formas de violência em relação a fenômenos religiosos existentes.

Palavras Chave: Formação do Imaginário Religioso; Violência; Intolerância religiosa.

I CONACSO- Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Introdução

Há uma complexidade nos estudos do imaginário devido à construção de elementos-imagens que organizam um dever ser para o sujeito, e também, pelas diversas áreas do saber que se aventuram neste tipo de pesquisa. No que se refere ao imaginário esta complexidade é maior tendo em vista as variantes diversificadas do fenômeno religioso. Relacioná-lo à cidade e buscar compreender a origem e extensão de certas atitudes de sujeitos frente aos fenômenos contemporâneos é uma empreitada cheia de percalços tendo em vista o caráter ideológico/dogmático que os fenômenos religiosos possuem.

Numa tentativa de compreender o fenômeno religioso contemporâneo no que se refere à intolerância religiosa em relação aos cultos das religiões voltamos a investigar a construção do imaginário em relação a origem do preconceito religioso. A cidade republicana de Belo Horizonte Minas Gerais como *locus* de formação de um imaginário político e religioso foi palco de uma das maiores violências no que se refere ao seu traçado tendo em vista seu processo de exclusão dos trabalhadores que construíram a nova capital.

O caminho escolhido para compreender o modo como a violência foi se instaurando está circunscrito a fontes históricas, discussões teóricas sobre a construção do imaginário religioso/político e o mapeamento das religiões em Belo Horizonte -MG. No que se refere às fontes históricas buscamos compreender a primeira metade do século XX na relação Igreja e Estado, priorizamos o período do catolicismo militante de 1922 a 1936 no qual a Igreja Católica define os inimigos e a forma de combatê-los: o comunismo, a maçonaria, a moda indecente, o carnaval, os espíritas kardecistas, umbandistas, protestantes.

Para investigar a intolerância religiosa no que se refere aos fenômenos dentro da cidade procuramos situar historicamente na Belo Horizonte da primeira metade do século XX a relação do poder político com o religioso e a definição de inimigo para a religião católica (dominante neste período) e em seguida buscamos mapear os fenômenos religiosos que sofrem preconceito por parte da unidade de referência cristã. Tal perspectiva conduziu a entender que a definição do inimigo religioso forma um preconceito que permite o exercício da violência que é percebida no espaço urbano de grupos religiosos minoritários.

I CONACSO- Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Ocupação do espaço urbano como forma de dominação na cidade de Belo Horizonte

A cidade construída para abrigar a Nova Capital do Estado, sob o nome inicial de Cidade de Minas, obedeceu a um planejamento rigoroso das plantas de engenharia e dos códigos dos cientistas e dos juristas em torno da idealização de uma morada urbana para a elite política, econômica e intelectual do Estado.

A cidade de Belo Horizonte, construída para ser a nova capital do Estado de Minas Gerais, foi inaugurada em 12 de dezembro de 1897 a serviço de um ideal de ordenamento muito presente no vocabulário da burguesia mineira. É possível observar que desde o início da formação da cidade as camadas de maior renda se expandiram na direção sul, cuja valorização social está adequada aos sítios mais altos que combinavam as qualidades e as belezas naturais e, ao mesmo tempo, mantinham-se próximas ao centro da cidade, local da fixação dos serviços, da melhor infraestrutura e do centro administrativo e financeiro.

A cidade construída foi fruto da conciliação política entre os grupos divergentes presentes no Estado para a transferência da antiga capital Ouro Preto e tinha que atender aos princípios de salubridade do clima, abundância de água potável e de boa qualidade e de condições topográficas adequadas ao desenvolvimento urbano necessário para atender a uma população prevista para duzentos mil habitantes¹.

Do planejamento à ocupação Belo Horizonte vai garantir a presença das camadas de mais alta renda nas regiões mais nobres. A comissão construtora, inspirada nos modelos de reurbanização das cidades europeias, elaborou uma cidade ordenada e apta ao modelo de sociedade liberal burguesa.

A nova capital foi planejada e dividida. Estava organizada em três zonas setorializadas: a zona urbana, a zona suburbana e a zona rural. A zona urbana era demarcada pela Avenida do Contorno. Nela fixavam as secretarias e prédios administrativos do Estado e do município. Os lotes da região central só foram colocados à venda tardiamente e com preços elevados,

¹ Belo Horizonte foi pensada, inicialmente para 200.000 habitantes. Em 1920 contava com 55.563 habitantes e este número dobra de tamanho em 1930, com 116.981 habitantes. (Cf. ANDRADE, 2004). Em 1940, superou-se o número de 200.000 habitantes.

I CONACSO- Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

destinados assim às camadas mais altas da burguesia mineira que se deslocaram apenas após os primeiros anos da capital.

A zona suburbana inicialmente acolheu o funcionalismo público e os setores médios da sociedade mineira: funcionários públicos de segundo e terceiro escalão, clérigos, membros das forças armadas. Posteriormente com o crescimento da cidade serviu de moradia a todos os tipos de grupos médios, desde que pudessem pagar os preços da moradia que cresciam a cada dia com a valorização e com o próprio crescimento do tecido urbano.

A zona rural foi planejada para garantir o abastecimento da capital. Voltando-se assim, para a construção de colônias agrícolas que, com o aumento numérico dos trabalhadores urbanos vai ceder lugar às primeiras vilas operárias, ocupadas por trabalhadores vindos de todos os lugares.

Belo Horizonte simbolizava, para uma parte das elites mineiras, a república na utopia de uma nova ordem, que já nascia sob o signo da negação da liberdade e da igualdade como instituintes da cidadania. Símbolo do progresso e de ruptura com o passado colonial, no tocante ao seu projeto urbanístico, por outro lado, conformadora de uma ordem excludente e segregacionista do ponto de vista social. (GROSSI, 1993, p. 13-14)

Ao mesmo tempo em que corrobora com a afirmação territorial das elites nas grandes cidades, esta ocupação também carrega uma singularidade da Capital mineira: seu crescimento da periferia para o centro. A cidade vai promover um crescimento econômico, principalmente em torno da oferta de serviços necessitando de força de trabalho para ocupação dos inúmeros postos de trabalho. O crescimento urbano das cinco primeiras décadas tem uma média de 4% ao ano. Essa população crescente é composta por membros da burguesia de mais alta renda, mas também e principalmente por um número bastante robusto de trabalhadores urbanos.

Apesar do contexto de sua formação coincidir com a afirmação de uma recente república brasileira, associada ao rompimento da monarquia e dos valores que ela carregava, a cidade continuava conferindo a tradição e o conservadorismo ao perpetuar as barreiras entre a elite e os setores populares.

No que se refere à questão religiosa a tradição se mantém sob o domínio do catolicismo responsável para a formação de um tipo de imaginário preconceituoso que

I CONACSO- Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

simbolizava para uma parte das elites, a república na utopia de uma nova ordem que já nascia sob o signo da negação da liberdade e da igualdade.

Do Imaginário à violência religiosa

O sonho de uma cidade republicana sem o domínio religioso não ocorreu em Belo Horizonte. A religião predominante era católica associava-se à elite mineira, de tal maneira que as paróquias recebiam visitas e cartas pastorais. A capital mineira vai assumindo aos poucos sua dimensão sagrada, à medida que o poder eclesiástico ia ocupando lugar na relação com a elite da cidade. Tal situação pode ser evidenciada na Belo Horizonte dos anos 20 e 30 período em que ocorre uma objetivação do inimigo para Igreja Católica e suas táticas de instauração da violência.

Entre os anos 20 e 30 a Igreja Católica, desejando a consolidação de seu domínio religioso, buscava doutrinar a comunidade belo horizontina em oposição radical aos seus novos ares de modernidade. Em defesa da pétreia unidade católica, declara guerra aos inimigos, construindo imagens que denegam outras religiões e concepções de mundo. Como o espaço urbano já estava constituído no movimento da periferia para o centro e o catolicismo fazia parte desta elite não foi difícil formar o imaginário de exclusão religiosa.

Quem são estes inimigos declarados e por que este vetor é gerador de imagens de violência? A guerra é contra protestantes, espíritas, maçons, socialistas, comunistas, carnaval e moda indecente etc. Para Matos:

O volume de artigos na imprensa católica, desde simples volantes distribuídos as portas dos templos, até jornais destinados aos combates ao inimigo. Às vezes tem-se a impressão que o periodismo católico existe apenas em função da luta do adversário. (MATOS, 1990, p. 395)

Os anos 20 e 30 coincidem com o catolicismo militante. A cidade será marcada no campo religioso por uma onda radical de catolicismo de elite. A imagem da cristandade como utopia que se nutre do passado será atualizada em documentos oficiais, imprensa e pregações. A imagem da igreja como sociedade perfeita alimentará práticas eclesiásticas do período (FERREIRA, 2002, p.75).

I CONACSO- Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Neste sentido que a imprensa local e ação dos sacerdotes estabelecem um processo de fazer uma construção imaginária de junção entre o catolicismo e o ser patriota. Esta ideia será reforçada e a ação da elite religiosa mineira caminhará na direção da formação escolar e familiar dos cidadãos da cidade. Esta declaração de guerra contra os inimigos é traduzida numa ação contra as escolas protestantes e concomitante a ação dos espíritas kardecistas tendo apoio de boa parte da imprensa local. Um fato curioso notar é sobre a corrida dos soldados de cristo ocorrida na década de 30 para solidificar a crença católica.

Quando nos debruçamos sobre estes aspectos de manutenção da religião católica como hegemônica defendendo seus princípios, algo tem nos chamado a atenção que é o caso dos judeus. Qual sentido da Igreja católica não declara-los inimigos? Tal situação se deve ao comércio que a elite mineira dependia, tendo em vista que as novidades de consumo vinham dos vendedores ambulantes e das lojas que se solidificaram na região central. Belo Horizonte foi uma cidade projetada pelas elites políticas e trazia na sua construção uma perspectiva futurista e um ideal modernizando de que qualquer problema de ordem social, política e econômica poderia ser redimido pela técnica e pela organização dos espaços.

Discutir a cidade a partir das suas contradições entre, a idealização da cidade planejada e a cidade instituída e percebida por seus grupos significa perceber que os grupos interagem com a cidade transformando-a com seus novos planejamentos e suas adaptações. Transformou-se a cidade, mas também transformaram-se os discursos e o dizer sobre a cidade. A cidade foi ocupada por gente de toda parte. Braços trabalhadores que ainda tornavam-se necessários para o grande canteiro de obras e a manutenção dos serviços que a cidade apresentava; funcionários e burocratas para gerir o novo e ordenar a grande cidade; profissionais liberais da saúde, da construção, do comércio e de todo lugar para caracterizar o moderno e dar funcionalidade; gente para encher as ruas longas e largas, para ocupar os bancos da universidade, as mesas do bar, as cadeiras do bonde, do cinema, do teatro. Vir para a capital mineira significava, nas primeiras décadas do século XX, a possibilidade de começar a vida numa cidade nova, portanto cheia de oportunidades e também de evidentes carências da cidade imberbe que se estabelece. Significava adotar o estilo de vida metropolitano, com seus confortos, mas com padrões de consumo e organização que impunham modos de ser e viver próprios de Belo Horizonte.

I CONACSO- Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Acima de tudo, vir para uma cidade planejada pelos idealizadores a serviço de uma elite política tradicional significa servir a cidade, servir aos seus princípios, conjugar o verbo inovar associado à conservação de um modelo descrito e escrito nas motivações do discurso mudantista. (CALVO, 2013 p. 89).

Considerações Finais

Essa ocupação organizada, pensada para ser uma construção harmoniosa do convívio urbano dos variados grupos que habitaram a cidade e estabelecida sob critérios de exclusão definidos ainda no planejamento da Comissão Construtora configuram as diferenças assumidas como formas de dominação.

Ao analisar a cidade sobre a ótica da dominação é notável que a aplicação principalmente dos ideais republicanos na instituição da nova capital vai acabar por gerar a formação de núcleos de participação mesclados à própria paisagem da cidade: núcleos religiosos, associações operárias, comunidades étnicas, associação de bairros etc. Principalmente nos locais habitacionais, quanto mais a setorialização gerava formas de segregação, mais se criavam noções de pertencimento e possibilitava-se a coesão entre grupos, na contramão da cidade sonhada pela elite mineira.

Poderíamos refletir sobre o planejamento da cidade poderia alterar a lógica da ocupação urbana tradicional, motivada pelas tendências de mercado. Sim, poderia, mas não foi o que ocorreu na ocupação da capital já que no caso de Belo Horizonte o Estado seguiu exatamente as tendências de mercado. Pelo contrário, no caso de Belo Horizonte e seu contexto de formação, a direção do Estado no planejamento e na direção da ocupação urbana constituiu-se sob uma perspectiva de exclusão e de violência.

Os resultados parciais desta pesquisa tem conduzido a compreensão da formação imaginária religiosa do inimigo na primeira metade do século XX e sua extensão nas variadas formas de violência em relação a fenômenos religiosos existentes na ocupação do espaço urbano. O mapeamento das religiões no espaço da cidade tem aberto possibilidades de compreender a ação violenta contra religiões de tradição africanas e como o imaginário religioso contra elas foi formado. Sobre a tradição judaica não temos dados sobre preconceitos sofridos o que tem nos levado a considerar que afirmação do imaginário sobre o inimigo não foi construída tendo em vista os interesses comerciais diferente dos umbandistas e kardecistas.

I CONACSO- Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

O que nos interessa nesta abordagem é que a formação contra os inimigos e o modo de declará-los gerou uma estratégia de violência que as novas configurações religiosas passaram a adotar a utilização da mídia local. Estamos estabelecendo discussões teóricas sobre o imaginário e voltamos para o aspecto do imaginário histórico e social. No primeiro momento estamos priorizando o campo da história das mentalidades, autores como Le Goff e Hilário Franco Junior. No segundo, estudos sobre imaginário da escola de Grenoble, autores como: Gilbert Durand e Andre Ortiz-Ozés. Para o mapeamento que está em andamento temos o da Igreja católica e seus templos, os judeus e as tradições de matriz africanas.

I CONACSO- Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Tito Flávio Rodrigues. **Vastos Subúrbios da Nova Capital: Formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte.** Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em História, Belo Horizonte, 2006.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. **A Belo Horizonte dos modernistas: representações ambivalentes da cidade moderna.** Belo Horizonte: PUC Minas: C / Arte, 2000. (coleção Política & Sociedade).

CALVO, Julia. **Entre Fazer a América e Construir a Cidadania : os judeus em Belo Horizonte nas primeiras décadas do século XX.** Belo Horizonte: PUC-Minas; 2014.

CALVO, Júlia. Belo Horizonte das primeiras décadas do século XX: entre a cidade da imaginação à cidade das múltiplas realidades. In: **Cadernos de História - Belo Horizonte**, Belo Horizonte, v. 14, n. 21, p. 71-93, out. 2013.

FARIA, Thiago Hot Pereira de. **Mishná - A influência da Cultura Oral na comunidade Judaica belorizontina.** Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Belo Horizonte, 2014.

FERREIRA, Amauri Carlos. **O imaginário Religioso e Modos de vida Urbana: Experiência da Juventude Católica em Belo Horizonte-Minas Gerais, Anos 80.** Tese (Doutorado), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002.

GROSSI, Yonne de Souza & FERREIRA, Amauri C. Dos lugares: Cidade e imaginário religioso. Horizonte –MG. In: **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 3, p. 47-58 PUC-Minas, 2005.

GROSSI, Yonne de Souza. Belo Horizonte: qual pólis. In.: **Cadernos de História - Belo Horizonte**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 12-24, out. 1997.

JULIÃO, Leticia. **Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920).** Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Programa de pós Graduação em Ciência Política, Belo Horizonte, 1992.

MATOS, Henrique C. José. **Um Estudo Histórico sobre o Catolicismo Militante em Minas, entre 1922 e 1936.** Belo Horizonte: Lutador, 1990.

MELLO, Ciro Flavio Bandeira de. **A Noiva do Trabalho: uma capital para a República.** In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). BH: horizontes históricos. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. p. 11-47

PAIVA, Eduardo França (org). **Belo Horizonte: histórias de uma cidade centenária.** Belo Horizonte: Faculdades Integradas Newton Paiva, 1997.

I CONACSO- Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

PARREIRAS, Elisabeth Guerra. Belo Horizonte: uma economia de serviços. In.: **Cadernos de História - Belo Horizonte, Belo Horizonte**, v.8, n. 10, p. 110-121, jul./dez. 2006.

_____. Cidades da América Latina: Modernas ou modernizadas. In.: **Cadernos de História - Belo Horizonte, Belo Horizonte**, p. 49-56 out. 1997.

VILLAÇA, Flavio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 2012.